SOMBRAS E ÁGUA FRESCA

Elisabete de Almeida Esteves
UFRJ – CAPES

RESUMO: Na tentativa de aproximação dos procedimentos de Raúl Antelo, este ensaio constrói teias e tece relações etimológicas entre termos que passam pelo *colporteur*, o vocábulo árabe *El-Matrac*, o mascate, a palavra *tract* do francês, em português panfleto, e propõe um avizinhamento com as atividades dos aguadeiros. A conjunção sugerida desemboca no achamento da água no subúrbio do Rio de Janeiro e sua posterior comercialização pelas mãos do aguadeiro Domingos Camões. Mediante o cruzamento desses termos e informações, frente ao topônimo carioca — o bairro de Água Santa — o texto sugere o reencantamento do mundo e a reativação da história (ainda que inventada, ficcionada), bem como a postura anti-teológico-política para “uma crítica que resgate o caráter acéfalo da existência”, que Antelo nos desafia a assumir.

PALAVRAS-CHAVE: Colportor; Aguadeiro; Água Santa.

SHADOWS AND FRESH WATER

ABSTRACT: Attempting to approach the of Raúl Antelo's procedures, this essay constructs webs and weaves etymological relations between terms that pass through the *colportage* (“colporteur”), the Arabic word *El-Matrac*, the *mascatearia* (travelling peddler), the French word *tract*, in Portuguese *panfleto* (pamphlet) and proposes an alignment with the watermen activities. The suggested conjunction leads to the discovery of water in the suburbs of Rio de Janeiro and its subsequent commercialization by the waterman Domingos Camões. Through the crossing of these terms and information, in front of the Carioca toponym — the neighborhood of Água Santa — the text suggests the re-enchancement of the world and the history reactivation (even if invented, fictionalized), as well as the anti-theological-political stance for “a criticism that rescues the acephalous character of existence”, which Antelo challenges us to assume.

KEYWORDS: Corportor; Waterman; Água Santa.

Elisabete de Almeida Esteves é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais — Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro

SOMBRAS E ÁGUA FRESCA

Elisabete de Almeida Esteves

É sempre muito estranho voltar a esta casa. Mas não como agora, desta vez, em que as venezianas da janela mais próxima e da parede que dão pro quintal se romperam, estão puídas, muito cupim.¹

Figura 1 – Agua Santa, Rio de Janeiro, anos 40. Ao fundo a Serra dos Pretos Forros.

Fotografia: Candido Esteves. [Acervo pessoal da autora].

Compreendido como meio sem fim, o gesto ensaístico que aqui se inaugura tem por inspiração o desafio, lançado por Raúl Antelo, de questionar, mediante “uma crítica que resgate o caráter acéfalo da existência”, o *retorno*

¹ LIMA, Manoel Ricardo de. Fiá-zaia. In: *Jogo de Varetas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 27.

às formas autonomistas de pensar a cultura ao mundo anterior ao des-astre.² Assim questionando, Antelo propõe que se adote uma posição anti-teológico-política, evitando entender a modernidade como “lugar neutro, eurocêntrico e unânime”.³

Visando o reencantamento do mundo e a reativação da história, proponho uma espécie de embaralhamento e superposição de partes disjuntas que, precisamente, fertilizam as ilusões de origem e história: um filme, uma pintura, um excerto de algum almanaque, uma canção, um termo num idioma estrangeiro, disparos de lagartos ou percursos infra finos deixados pelas traças.

Avanço em meio a movimentos que põem a cintilar constelações improváveis, sem dar costas a antecedentes; um esforço crítico que combate a redução identitária e unicista da história, ato que se lança na invenção de origens “*por venir*”, (...) *em constante metamorfosis*.⁴

Consulto algumas das lâminas apagadas das informações, dos registros e dos documentos recolhidos para deles retirar novos contornos. Tratam-se de “documentos” montados na dinâmica das relações entre alguns estados europeus pelo monopólio das terras no litoral Atlântico-Sul⁵ e outros tempos intensivos e circunstanciais. Raúl Antelo nos lembra que nunca houve um plano compartilhado para o controle europeu do mundo, apenas:

[...] la línea de Tordesillas, que confrontaba la América Hispánica con la Portuguesa, sólo se disponía de una serie de proyecciones nacionales en lo global: una historia universal de España, una historia universal de Portugal, una historia universal de Inglaterra, una historia universal de Francia o una historia universal de Holanda. Por otra parte, sin necesariamente acatar un plan maestro de la Iglesia, jesuitas, franciscanos, dominicos y numerosos otros agentes de la fé trabajaban cada uno en su respectivo imperio universal neo-apostólico, sin interferir con los demás en la “conversão do gentio”. Por eso todas las historias imperiales de la difusión de

² ANTELO, Raul. Lindes, limites, limiares. *Boletim de Pesquisa Nelic*, v. 1, p. 4-27, 2008. *Desastre do grego*, “[...] má estrela” astre: Fortuna; boa sorte; boa estrela.” Cf. BLANCHOT, Maurice. *L’écriture du desastre*. Paris : Gallimard, 1980. “Se o desastre significa estar separado da estrela (o declínio que marca o extravio quando se interrompeu a relação com o acaso de cima), ele indica a queda sob a necessidade desastrosa. A lei seria o desastre, a lei suprema ou extrema, o excessivo da lei não codificável: aquilo a que somos destinados sem ser concernidos? O desastre não tem olhos para nós, ele é o ilimitado sem olhar, o que não pode se medir em termo de fracasso nem como a perda pura e simples.

³ ANTELO, Raul. Lindes, limites, limiares. *Boletim de Pesquisa Nelic*, op. cit., p. 21.

⁴ Idem, *Una crítica acéfala para la modernidad latinoamericana*. *Iberoamericana*, VIII, 30, p. 130, 2008.

⁵ BICALHO, Maria Fernanda. *A França Antártica, o curso, a conquista e a “peçonha luterana”*. In: *História*. São Paulo, v. 27, n. 1, 2008.

la salvación en la Tierra fueron escritas en pleno fervor de las acciones y de sus reflejos en las conmemoraciones nacionales y eclesiales.⁶

Citando Peter Sloterdijk, Antelo lembra que o objeto da crítica ao eurocentrismo esbarra no vazio, pois a Europa não se trata de nada além que uma ficção pós-colonial e, da mesma forma, conclui seu artigo se perguntando se, também se poderia afirmar que, talvez, “nenhum Brasil existe”.

O apelo lançado às multiplicidades e feito por Antelo, segue uma etimologia, ou se se quiser, uma possível ficção. A combinação da palavra *cou*, “pescoço” com a palavra *porter*, “levar, portar”, monta o termo francês *colporteur*, que resulta em português “carregar no pescoço” cujo significado nos remete ao século XII. 1176, estamos em Lyon, França. Um homem chamado Pierre Vaudès, entusiasmado pela leitura das Sagradas Escrituras, entende que a Palavra, promotora em sua vida de mudança radical, precisava ser divulgada. Doa seus bens e fortuna aos desfavorecidos e abraça a pobreza, atitude recorrente em fins do século XII. Atrás de si carregou grupos de discípulos que se avolumavam numa fraternidade.

A cidade alemã de Mainz ainda esperava pelo gênio de Johannes Gutenberg. Ainda não havia Imprensa. Vaudès e seus colaboradores concentram-se na elaboração de alfarrábios compostos por trechos bíblicos e divulgam tais manuscritos num ato de ousadia, deambulando pelas povoações, pregando a humildade, a penitência e os valores evangélicos.

Por conta da implacável perseguição aos cristãos e do rigoroso governo francês à época, a leitura da Bíblia só podia ser feita às escondidas. Na investida de divulgar a Sagrada Escritura, Pierre Vaudès manda confeccionar uma bolsa a tiracolo que, agarrada ao pescoço e camuflada por algum casaco, servia para portar essas cópias de pequenas porções da Bíblia em seu interior. Dessa iniciativa de Pierre Vaudès surge a expressão *colporteur*, portar no pescoço.

Infiltrar crenças, através desse ato clandestino da distribuição de panfletos, é como criar brechas para propagar sombras e nos remeter à ideia que George Didi-Huberman levanta sobre panfleto.⁷

⁶ ANTELO, Raul. [Brasil, Verlo venir](#). In: *Conferência de abertura do Colóquio Internacional “¿Por qué Brasil, qué Brasil? Recorridos y prácticas críticas desde Argentina*. Realizada em 13 ago. 2015.

⁷ No nosso vernáculo, a palavra *panfleto* tem origem latina *panphilos* e foi vertido para o inglês *Panphlet*. Pan (todo) e philos (amor) referia-se a uma obra teatral sobre o Amor em verso, distribuída neste formato breve por toda a Idade Média. A súbita percepção de que pan (como raiz do todo, pan-orâmico) e fleto (de philus, amor), como um “amor a tudo” ou “todo amor”. Cf. [Oxford Living Dictionaries](#). 2018. Acesso em: 24 mar. 2018.

Em francês a palavra “*tract*” indica um tratado curto ou simples folha de propaganda difundida de mão em mão. Em ambos os casos o substantivo latino sobrevive etimologicamente “[...] *tractatus*, que significa a ação de tratar de um assunto, de dirigir uma deliberação, uma discussão ou um sermão e, também, sobretudo, ação de tocar para aprender, para arrastar algo ou alguém fora do seu lugar habitual.”⁸

Para além do sentido pejorativo do termo panfletário, como aquele que se vale de um meio massivo de expressão para atacar ou defender ideias, reside um outro, esse que trata de fazer circular o que julgamos indispensável – como a doutrina do amor ou mesmo a água, sem a qual não há vida. Água limpa, potável, pura, e até curativa, bem de interesse público e de acesso universal, não privatizável. Jean de Léry, pastor, missionário e escritor francês relata na segunda obra publicada sobre o Brasil, ainda inexistente, sua viagem a essa terra⁹ uma minuciosa visão do Novo Mundo e de seus habitantes. Escreve Léry:

Chamam elles á agua doce *uh-ete* e á salgada, *uh-eeu*; esta dicção obtem-na com a garganta, como os hebreus com as suas letras gutturaes, e era para nós (os franceses) a mais penosa de reproduzir de todas as vozes do idioma indígena”. “(...) a excellencia da agua das fontes e rios, incomparavelmente mais sadia que as nossas, della bebiamos sem mistura, a faltar, pois era purissima e não fazia mal nenhum.”¹⁰

Sabe-se que o território fluminense é composto, em sua maior parte, por rochas do embasamento cristalino, formadoras dos aquíferos fissurais ainda inegociáveis e que aguardavam quem, mediante seu comércio, prosperasse.

O Rio Faria nasce na Serra dos Pretos Forros e junta-se ao Timbó, formando o Rio Faria Timbó, cuja vertente fica na Serra do Juramento e se estende 3,2 km até desaguar no Canal do Cunha, de onde as águas seguem para a Baía de Guanabara. O Rio Faria-Timbó era limpo e navegável “Desse Faria-

⁸ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Levantes*. São Paulo: Edições Sesc, 2017, p. 372.

⁹ A primeira obra sobre o Brasil foi a de Hans Staden. A obra literária de Jean de Lery (La Margelle, Côte-d’Or, França, c.1534 - L’Isle, Suíça, c.1613) “*Histoire d’un voyage fait en la terre du Brésil, dite Amerique*” no título original em francês, tem edição original em 1578. Em português o livro recebe o nome de “História de uma Viagem feita à Terra do Brasil” e é considerado parte literatura acerca dos viajantes franceses do século XVI, no qual o autor relata as experiências vividas em meio à presença de quase um ano na França Antártica, projeto efêmero de colonização francesa ao sul do Brasil, na Baía da Guanabara, no que é atualmente o Rio de Janeiro. Lery abandona o Velho Mundo devido às disputas religiosas entre católicos e protestantes e pelas novas possibilidades da França Antártica, colônia francesa na Baía de Guanabara.

¹⁰ LÉRY, Jean de. *Historia de uma viagem á terra do Brasil*. Trad. Ordenada literariamente por Monteiro Lobato. Rio de Janeiro / São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926, p. 94.

Timbó que segundo os velhos escravos de Inhaúma, teria sido no princípio um canal aberto pelos fazendeiros locais para irrigar suas terras com águas de Jacarepaguá [...].”¹¹

Acompanhar os leitos de rio, seguir alguns de seus rastros, ler as mensagens que nos informam os corpos hídricos. Visionar lara, como faziam os nativos ou seguir o canto de boas vindas de Kianda¹² que se esconde sob os lençóis d’água. Acrescentar camadas oblíquas à exploração de conturbadas histórias políticas. Encontrar botões.

Ouvir o diretor chileno Patricio Guzmán e sua realidade que *personifica a anarquia*.¹³ Seguir seu gesto de montagem que em *El Botón de Nácar* apresenta o mundo natural em violento contraste com o domínio dos espanhóis e da política.

Perceber um mero botão de nácar, cedido por “Jimmy Button” a um Yaghan levado à Inglaterra por exploradores, no anseio de retorno a sua terra natal. Colocá-lo lado a lado a outro botão distante e próximo em aparência, encontrado nos carris perdidos das profundezas do mar, onde foram atados e lançados presos políticos chilenos, mais de um século depois e, ainda, em movimento *regressus ad uterum*, apreender a minúcia de um outro “botão” no formato de gota d’água, com o qual Guzmán, num ciclo de conexões marítimas, anuncia a empreitada do filme:

Todos somos regatos de uma só água”. Um bloco de quartzo foi encontrado no deserto do Atacama, no Chile. Tem 3000 anos de idade e contém uma gota d’água. O deserto chileno é o lugar mais seco da Terra. Daqui, astrônomos descobrem água em quase todo o cosmos. Há água nos planetas. Há vapor d’água em algumas nebulosas. Há gelo em outros corpos celestes. Na Terra e fora dela a água é essencial para a existência de vida. A cada noite, um novo planeta é descoberto, onde, talvez, contenha água. Olhando as estrelas, sou atraído pela importância da água. Parece que a água veio do espaço exterior e que a vida nos chega pelos cometas que formaram os mares.¹⁴

¹¹ BARBOSA, P; A. Lemos. *Pequeno Vocabulário Tupi-Português*. Rio de Janeiro. Livraria São José, 1951. O topônimo *Jacarepaguá* é termo tupi que resume e significa “Lagoa rasa com jacaré”. A palavra água em tupi ‘y’ ou ‘ty’, aparece nele já processada. y1 água: rio; em compos, vinho. y2 (t, t) sumo, caldo, líquido, água; (xe): ser cheio d’água ou húmido.

¹² Em bantu as sereias são chamadas *ianda*, no singular *Kianda*. O povo africano acredita que cada meio aquático, mar, rio, lagoa ou charco tem uma sereia dotada de poderes sobrenaturais. Kianda está ligada à fecundidade feminina e às crianças. Apresenta-se envolta por um clarão e redemoinhos de águas ou de ar. LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

¹³ Conforme Guzmán, “[...] fala-se pouco do caos que ela [a realidade] contém; é uma voragem, uma miscelânea, uma simultaneidade de fenômenos. GUZMAN, Patricio. *Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários*. São Paulo: Edições Sesc, 2017. Kindle Edition, loc # 98-99.

¹⁴ EL BOTÓN DE NACAR (2015) Dirigido, escrito e narrado por Patricio Guzmán e produção de Renate Sachse, com estreia em 15 out. 2015. Trecho da narração citado, na voz do diretor, compreendido entre 00h00m58s a 00h05m55s.

Montar constelações a partir do que se lê no escuro, do que nos alcança a partir da ausência da luz dos corpos celestiais. Espreitar corpos hídricos compostos do elementar, íntimo e estranho: a água.

A realidade sugerida por Guzmán é composta de átomos dramáticos que se deslocam flutuando pelo ar e também pelos que não se movem, “que se escondem no interior das casas, como uma caixa de fotografias, alguns lápis sobre a mesa, alguns brinquedos espalhados e a velha árvore no pátio”.¹⁵ Tal como átomos dramáticos que refletem uma cena microscópica de vida humana, soltos como letras de um enorme abecedário, são a matéria-prima com as quais montam suas histórias, cineastas, artistas, músicos: criadores que aprendem a auscultar esses indivisíveis que vibram paralisados a seu lado.

Como organizar essas bússolas apontadas por Guzman – ponto de vista, distância e suas diferentes intensidades – para contar uma história?

Meto a mão na bolsa que trouxe a tiracolo, procuro um pacote antigo feito com papel marrom, enrolado com barbante, frouxo: um maço de fotografias coloridas.

Tenho medo de perder a mão dentro da bolsa.¹⁶

Retornemos à etimologia sugerida. A combinação do termo *colporteur*, a ideia de transmissão seguida de venda, monta um gesto que não se liga tão somente à distribuição de livros religiosos. De modo mais amplo, diz respeito a uma atividade primeva: ambulantes e vendedores que transportam e negociam mercadorias longe de onde foram produzidas. São os mercadores chamados de “turcos da prestação”, que adquiriam o hábito de bater igualmente de “porta a porta”.

O vocábulo árabe *El-Matrac*, foi incorporado à língua portuguesa como *mascate*, para designar os lusos que, auxiliados pelos libaneses cristãos, levavam mercadorias de porta em porta. O termo procede de 1507, quando portugueses tomaram a cidade de Mascate, maior cidade e atual capital do sultanato de Omã, na Península Arábica, onde se aglutinam quem barganha mercadorias com os demais, “despertando freguesia, alertando-a para a sua presença de passante, fazendo uso da vara de medir pano, dobrada ao meio, uma metade batendo na outra o seu tec-tec característico”.¹⁷ Os lusos regres-

¹⁵ GUZMÁN, Patricio. *Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários*. op.cit, Kindle loc # 69-75.

¹⁶ LIMA, Manoel Ricardo de. Fiá-zaia. In: *Jogo de Varetas*, op. cit., p. 27.

¹⁷ GOULART, José Alípio. *O mascate no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista. Terra dos Papagaios, 1967, p. 100. [Coleção].

sos a Portugal foram cognominados mascates, como apôdo, devido ao tipo de comércio que praticavam na tal cidade.

A atividade marcada pela “mercância andarilha no Brasil”¹⁸, que levava de casa em casa, além de mercadorias, versos e cantares divulgadores de acontecimentos, se fez presente na “terra de Santa Cruz” através dos portugueses, desde os primeiros 1500.¹⁹ É sabido que até mesmo:

[...] as caravelas que aportam ao Brasil são, na sua quase totalidade, de propriedade de mercadores, embarcações que eles mesmos conduzem o contrato a outros para o comércio de resgate e escambo. Muitos dos que assim praticam são mascates em seus países ou por mascates mandados.²⁰

Mesmo antes de ser conhecido como a “porta do Ouro”, com todo seu atraso econômico e social,²¹ o Rio de Janeiro também era palco de atuação dos mascates. Foi nos anos mil e setecentos que suas ruas assistiram à intensificada comercialização de mercadorias. Era a *mascateação* urbana que proliferava, “sendo incontáveis os que andavam de baús às costas”.

Os vendedores ambulantes, que viajavam pelo país divulgando escrituras e mercadorias, não se limitavam a trabalhar nos grandes centros urbanos. Visitavam também as pequenas cidades, vilas, sítios e fazendas. Viajavam pelos sertões do Brasil transportando suas quinquilharias no lombo de mulas ou em carroças.

No século XIX, um homem de passagem pela zona norte do Rio de Janeiro profere seu reclame: *Aqui está justamente aquilo de que vocês precisam!*, o que, provavelmente, fez com que todos daquele vagão, se voltassem para ouvi-lo.

Era o trem da Estrada de Ferro Dom Pedro II²² que atravessava os subúrbios cariocas levando o colportor João da Cruz, da Sociedade Bíblica do

¹⁸ Ibidem, p. 25.

¹⁹ Ibidem, p.166. “O mercador errante, esse bufarinheiro conhecido das lendas e das histórias, teve seu período áureo, mas somente portugueses desfrutaram desse período, tal não se dando com os mascates de outras nacionalidades”.

²⁰ Ibidem, p.49.

²¹ Ibidem, p.117. Que só começou a merecer importância depois da abertura do Caminho Novo por onde escorria ouro e diamantes das minas para seu porto.

²² No final do século XIX, a Estrada de Ferro Dom Pedro II vivia um momento de plena expansão. Para dar conta do aumento do fluxo de passageiros e de cargas na ferrovia, foram criadas novas estações e, consequentemente, a companhia precisou construir uma nova oficina para reparos e construção dos vagões, trens e equipamentos necessários à operação ferroviária. O terreno escolhido foi o da Fazenda Engenho de Dentro, no Engenho Novo, na Freguesia de Inhaúma, que, depois de pouco mais de um ano de obras, passou a sediar o principal complexo de Oficinas de Locomoção, inaugurado oficialmente em dezembro de 1871. Erguida para atender a quatro mil quilômetros de vias, setecentas locomotivas e cinco mil carros de passageiros e vagões, em 1881, a rede de oficinas era considerada a mais importante da América Latina e servia também a outros estados. CANDIDA, Simone; LIMA, Ludmilla de; BERTOLUCCI, Rodrigo. [Histórias do Engenho de Dentro: antigas oficinas de trem vão ganhar vida nova](#). O Globo, 22 jun. 2014.

Brasil,²³ a fazer mais uma de suas apresentações aos passageiros da Central do Brasil. Um dia por semana trabalhava nos trens, em outros visitava as filas do recém criado cinema²⁴ e, nos dias restantes, oferecia as Escrituras de casa em casa, nos subúrbios do Rio.²⁵ Era a tradição mascateira em pleno vapor. Era o Rio de Janeiro que aguardava a movimentação frenética dos veículos e a comunicação ilimitada dos correios.

O mascate urbano iniciava-se sozinho e trazia, ele mesmo, sob o corpo vergado, seu baú das mercadorias, despertando a freguesia com algum tipo de ruído, uma matraca, uma corneta. *Não havia quem não os pressentisse; não faltava quem os chamasse. E lá ia ele, a passo vagaroso e de olhos presos às janelas e portas, atento ao menor aceno.* Uma vez tivesse progredido, não demorava em alugar ou comprar escravo – a besta humana citadina em lugar da besta animal do mascate rural – que seguia-o de baú à cabeça, cavalete ao ombro, treinado para, a qualquer momento, exhibir as bugigangas a algum freguês itinerante em alguma porta ou peitoril de janela.

Eram também assim os chamados *aguadeiros*, tipos populares, encarregados de transportar e oferecer em domicílio, precioso líquido que só existia nas fontes e chafarizes públicos. Esses cativos, ou forros, também se tornavam necessários no suprimento de água potável, tanto mais em tempos de chuvas violentas quando rompiam-se os aquedutos das fontes públicas. Levavam

²³ A distribuição da Bíblia no Brasil foi feita basicamente através dos colportores, vendedores ambulantes que viajavam por todo país oferecendo as Escrituras de casa em casa. Viajando pelos sertões do Brasil e transportando os livros no lombo de mulas ou em carroças, os colportores prepararam o caminho para a chegada dos primeiros missionários e das primeiras igrejas evangélicas. GIRALDI, Luiz Antônio. *A Bíblia no Brasil República: como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia no país de 1889 a 1948*. Barueri: SBB, 2012, p.161.

²⁴ O cinema foi inventado em 1895, mas se consolida no Brasil para que hajam filas já no século XX: A estruturação do mercado exibidor de cinema no país acontece entre 1907 e 1910, quando o fornecimento de energia elétrica no Rio e São Paulo passa a ser mais confiável (inauguração da Usina de Ribeirão das Lajes). Cf. CAMPACCI, Claudio. [História dos primeiros 120 anos do cinema](#). *Clube dos Autores*, 21 ago. 2010, p. 23.

²⁵ No Brasil do século XIX, os meios de transporte e comunicação eram precários. Até mesmo os Correios eram um veículo de comunicação limitado, que não chegava a muitas cidades. A maior parte da população vivia no campo, em lugares onde não havia livrarias nem vendedores de livros. Nessa época de comunicação difícil, surgiram no Brasil os colportores, vendedores ambulantes da Bíblia, que viajavam pelo país oferecendo as Escrituras de casa em casa, de mão em mão. Os colportores não se limitavam a trabalhar nos grandes centros urbanos. Eles visitavam também as pequenas cidades, vilas, sítios e fazendas, onde as pessoas nunca tinham ouvido falar do evangelho. Como ainda não havia comunidades evangélicas, foram os colportores os primeiros evangélicos a chegarem às cidades e aos povoados mais distantes dos grandes centros, nos quais enfrentaram uma forte oposição. Viajando pelos sertões do Brasil e transportando seus livros no lombo de mulas ou em carroças, os colportores prepararam o caminho para a chegada dos primeiros missionários protestantes. GIRALDI, Luiz Antônio. *A Bíblia no Brasil Império: como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império*, op. cit., p. 229-230.

água em barriletes, à cabeça; outros, em barris conduzidos em chinguiços por pequenos carrinhos, e também em grandes pipas levadas em carros tracionados por burro: assim abasteciam diariamente seus patrões, senhores e compradores.²⁶

Gritavam os tais e faziam pagar preço fabuloso pelo pote d'água que levavam à cabeça. Era a cidade desde sempre em luta com a carestia d'água trazida de longe. Era a cidade de São Sebastião fundada, enquanto seus índios e gentios anunciavam e vendiam água aos colonos, bradando: – *Ig! Ig!*. Era a expressão do gentio digerida pelos recém chegados africanos escravizados que em pouco tempo passavam pelas ruas gritando, na língua do nativo, vertida para o bantu – *li! li!*²⁷ para logo em seguida ser substituída por água, *ooh água! água, ooh água! água mineral!*

Dentre as peculiaridades históricas dos bairros cariocas, as do de Água Santa, entrecortado pelo rio Faria Timbó, se destacam por ter sido encontrada ali água mineral de boa qualidade, a partir da qual se fundou a segunda fonte hidromineral na cidade do Rio de Janeiro.

A combinação das serras serpenteadas por águas cristalinas, a liberação ou fuga no final dos anos 80 do século XIX de alguns dos escravizados dos engenhos, além da ausência de políticas públicas voltadas para a inclusão dos africanos e descendentes egressos das inúmeras escravarias do Rio de Janeiro e províncias, fez com que esses ex-escravos fixassem moradia nos entornos da Serra Ignácio Dias, hoje conhecida como Serra dos Pretos Forros.²⁸

Como ainda não se praticava a extração mineral, nem se alterava o sistema da bacia hidrográfica no local da captação, e, como ainda não era possível dimensionar o quanto se alterariam as condições de escoamento básico, de umidade do solo ou de recarga e descarga dos sistemas aquíferos, um negro alforriado, que atendia por Domingo Camões, conhecido miticamente como Beizola²⁹, dedica-se à venda e distribuição da referida água.

²⁶ CORRÊA, de Magalhães. *Terra Carioca Fontes e Chafarizes*. Rio de Janeiro: IHGB, 1939, p. 109.

²⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um Passeio Pela Cidade do Rio de Janeiro*. Brasília: Senado Federal, 2005, p. 82.

²⁸ De acordo com o Portal Voz de Água Santa, Robson Letiere no livro *Rio Bairros: uma breve história dos bairros cariocas - de A a Z*, o bairro de Água Santa era estritamente de chácaras e uma das chácaras era do doutor Assis Carneiro. Uma das ruas do bairro leva esse nome.

²⁹ “Os moços teem por costume, desde cedo, furar o beijo inferior acima do mento, trazendo nelle certo osso bem polido, alvo como o marfim, afeiçoado á moda das carrapetas; e como a parte em ponta resae uma pollegada mais ou menos, e fica o osso preso por um ressalto entre o beijo e a gengiva, tiram-no elles e põem-no quando o querem.” LÉRY, Jean de. *História de uma viagem á terra do Brasil*, op. cit., p. 71. O que indica que não é apenas de negros escravizados ou forros que se faz um Beizola, mas de nativos de diferentes etnias.

Beizola desconhecia Narciso, apenas sabia da água de beber das nascentes e, pela sede que levava, debruçou-se. Encontrou a poça. Bebeu dela. Achou-a refrescante e logo seu estômago encontrou boa disposição. A nascente da qual brotava a água tranquilizava seu esgotamento. Havia encontrado alívio naquele sítio, que até hoje não o celebrou como achador. Maravilhado com tão bom resultado, desde o agachamento, construiu ele mesmo um pouso e um arremedo de fonte.

Não se sabe quanto tempo o ex-escravizado manteve a ingestão da água dessas *Surgências*.³⁰ O que se conta é que, pouco a pouco, transmitia a notícia acerca dos benefícios do precioso líquido, distribuindo-o a título de compartilhamento, como o evangelho à tiracolo; um *colporteur* da água.

A água, proveniente da infiltração rochosa que não correu para o mar e que insurge até hoje, segue em sua tarefa árdua e diária de manter o lobo fora do alcance da porta.

A combinação das atividades *bufarinheiras*³¹ dos mercadores ambulantes com a crença na melhora da saúde obtida pela ingestão da água com propriedades medicinais – a atávica contaminação pelo bem –, foram, talvez, algumas das forças que compuseram o cenário para que, a partir de 1909, Beizola iniciasse a empírica investida de comercializar e engarrafar a água “santa”. Era a tradição mascateira seguindo em jacás feitos de cipó e embiras de bananeira. Eram garrafões de 5 litros de vinho, oferecidos direto dos lombos de burro a cinco vinténs cada.

Era a tradição mercantil percorrida de trás pra frente, *colporteur* repetindo o mascate. A repetição da diferença sem ordem sucessiva. É a fórmula de

³⁰ O mesmo que fontes naturais que são, com frequência, as nascentes de corpos hídricos superficiais. Para captar água de uma surgência, diz a norma do DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), esta deve ser confinada diretamente da rocha, em caixa azulejada ou de aço inoxidável, resguardada por estrutura em alvenaria, cercada de tal forma, que evite a entrada de pessoas ou animais e, num raio de 10 metros, a área deve ser calçada ou gramada. A vazão da surgência ou poço e a qualidade da água são definidas a partir de testes de vazão (ou bombeamento, quando poço) e de análises químicas. Para melhor garantia dos dados obtidos, recomenda-se, pelo menos, a realização de duas análises químicas completas, com a finalidade de verificação da manutenção das características da água da fonte ou do poço. Caso sejam realizadas apenas duas análises, indica-se que uma deva ser realizada no período das chuvas e a outra no período da seca. Em se tratando de surgência, a vazão também deve ser medida pelo menos duas vezes no ano, seguindo o mesmo critério da análise química (período de chuva e de seca). Enquanto para a mineração, as surgências (fontes) devem ser captadas e protegidas através da limpeza e calçamento da área, num raio de 10 metros (*Portaria DNPM nº 222/1997*), a legislação ambiental proíbe a retirada de qualquer vegetação próxima às nascentes (*Lei Federal nº 4.771/1965*).

³¹ *Bufarinheiro* – expressão encontrada nos clássicos portugueses, designando o vendedor ambulante de quinquilharias e que passou a ter livre curso no Brasil. GOULART, José Alípio. *O mascate no Brasil*. op. cit., p. 31.

Péguy, que se repete em minha memória. A última ninfeia de Monet, que repete a primeira. A primeira ninfeia, que repete todas as outras. É o último copo do alcoólatra, e esse último, sempre o penúltimo. O penúltimo, sempre o último, repete o primeiro que permite um recomeçar no dia seguinte.³²

É a repetição da diferença; é Camões, esse Domingos, de deambulante a ambulante, coetâneo do convés da mítica caravela portuguesa, que também provém do gentio, da incorporação da França Antártica deste Rio de “Geneure”.

Encontrar as riquezas de um pedaço de terra, compreender seu contorno, percorrer um contrato, uma assinatura, um nome. Narrar a contrapelo.

Nesse ponto considero que, usar da leveza, seria, de certa maneira, mudar o ponto de observação, considerar artifícios menos corriqueiros, evitar que o peso da matéria, composta de corpúsculos invisíveis, como acreditava Lucrécio, esmague e reduza nossa percepção – ideia que arrisco aproximar ao conceito das vibrações dos átomos dramáticos de Guzmán, assim como lembrar as palavras de Raúl Antelo:

O real nada mais é do que um furo, uma lacuna, na realidade, que só pode ser contornada por um limite, limite esse que só admite um nome incompleto e inconsistente, precário e provisório, porque do que se trata não é de resolver uma contradição lógica, mas de posicionar-se através de um antagonismo estratégico.³³

Não há como pensar o bairro da Água Santa sem o contato com sua vizinhança, fora de sua circunstância histórica oficial, as cessões aos jesuítas das outras terras da Zona Norte, retomadas e leiloadas pela Coroa, os velhos e novos engenhos, de dentro e de fora, doados, divididos e vendidos, a chegada da linha férrea, a inauguração da estação do Méier por Dom Pedro II e todo povoamento da região.

³² [...] um alcoólatra é alguém que está sempre parando de beber, ou seja, está sempre no último copo. [...] É um pouco como a fórmula de Péguy, que é tão bela: não é a última ninfeia que repete a primeira, é a primeira ninfeia que repete todas as outras e a última. Pois bem, o primeiro copo repete o último, é o último que conta. [...] E o que quer dizer o último? Quer dizer: ele não suporta beber mais naquele dia. É o último que lhe permitirá recomeçar no dia seguinte, porque, se ele for até o último que excede seu poder, é o último em seu poder, se ele vai além do último em seu poder para chegar ao último que excede seu poder, ele desmorona, e está acabado, vai para o hospital, ou tem de mudar de hábito, de agenciamento. De modo que, quando ele diz: o último copo, não é o último, é o penúltimo, ele procura o penúltimo. Ele não procura o último copo, procura o penúltimo copo. Não o último, pois o último o poria fora de seu arranjo, e o penúltimo é o último antes do recomeço no dia seguinte. DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. [Entrevista com Gilles Deleuze](#). Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min., “letra B de Beber”. [Posição 00h29m55s].

³³ ANTELO, Raúl. [Entrevista concedida a Davi Pessoa](#). *Revista Polichinelo*, 15 fev. 2017.

São inúmeras pontas soltas nas correntezas das narrativas, muitos hiatos entre o “y”, o “ih” e a água mineral fluoretada na fonte; entre o escravizado e o liberto; entre as mãos em concha do poço e o copo d’água; entre a surgência, os órgãos reguladores e as exigências das gestões sanitárias; entre a cura e a indústria de tudo; entre as consideráveis extensões de glebas livres, o direito da terra e a propriedade da lavra.

Desde os meros ajuntamentos dos primeiros proprietários da Serra aos expropriados e, de volta, curvados ao trabalho forçado – por onde escaparam os pretos forros? Como os sucederam até outros se intitularem proprietários documentados daquele pedaço de terra de onde há cem anos se envasam garrafas com a nau portuguesa estampada no rótulo? Como remontar essa história à luz dos átomos dramáticos que nos observam de longe?

A água pura, intocada, ingênua, limpa, com a qual o liberto comunga, foi colocada, há tempos, em linha de produção. O uso da água da escala humana, da origem, do alimento, distribuída mano a mano, porta a porta, se alia às forças das circunstâncias. O recurso de origem, o complexo físico, poético, simbólico, geográfico, se transforma em gerador de conflitos que garantem a disputa de trabalho, a degradação física do espaço, das fontes, a escassez da água. A extração gradual do santo líquido, com sua exponencial exploração, encaminha o processo da substituição do valor de uso pelo valor de troca que também foi configurando um dos nossos Brasis.

O valor *per se* da água não cura mais, nem sede nem mazelas. No Brasil, ainda inexistente, dos aguadeiros, o mítico Beizola aparece como fantasma, metade registro histórico e metade ficção e 100% invenção. À água se agrega uma marca que sequer sugere seu nome, mas o da terra conquistada pelos desbravadores da Santa Cruz.

O valor da água, tornada mercadoria, passa a garantir o funcionamento da engenharia econômica. A necessidade do crescimento exponencial aliena os valores de uso.

Da escura garrafa de vidro reciclada ao insustentável plástico que a embala – seja copinho de 200ml, garrafa de 500ml ou garrafão de 20 litros – emerge o rótulo que estampa o colonizador rumo a evangelização da lógica do capital. “Gosto de sentar sem roupa no chão do quarto, é claro demais, tem uma luz violenta socando o olho, é calor e me dou conta que há arbustos e muito vento lá fora. Areia fina da praia e o barulho do mar tem força e rasgam a casa.”³⁴

³⁴ LIMA, Manoel Ricardo de. Fiá-zaia. In: *Jogo de Varetas*, op. cit., p. 27.

Em “A mensagem das borboletas”³⁵, Didi-Huberman questiona se o panfleto não seria um documento destinado, desde o início, a voar do mesmo modo que as palavras de urgência que lançamos, sem nos preocuparmos em fazer delas momentos gravados para tempos futuros ou, como este ensaio, um meio sem fim, que também levanta a língua e cintila como os vagalumes.

O oceano contém toda a história da Humanidade, as vozes da terra e as que vêm do espaço. Somos todos náufragos de uma mesma água, todos ávidos pela origem, pelo conhecido. Separados daquilo que podemos, evitamos as estranhezas, esquecemos das imagens que nos fazem recuar, aquelas sem peso nem espessura, que desaparecem e aparecem em forma de sombras, rastros, pó, vapor, brisa, intermitências do vento e da chuva, que apontam combinações e perspectivas diversas; uma e outra Europa, esses e aqueles Brasis que se fazem e se inventam em sínteses conjuntivas e disjuntivas.

³⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Levantes*, op. cit., p. 372.

Recebido em 11 de abril de 2018
Aceito em 12 de julho de 2018